

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--12 de Agosto-1926

**5 TOSTÕES**



sempre **11**  
**fi** **ve** **ser**  
**hum**

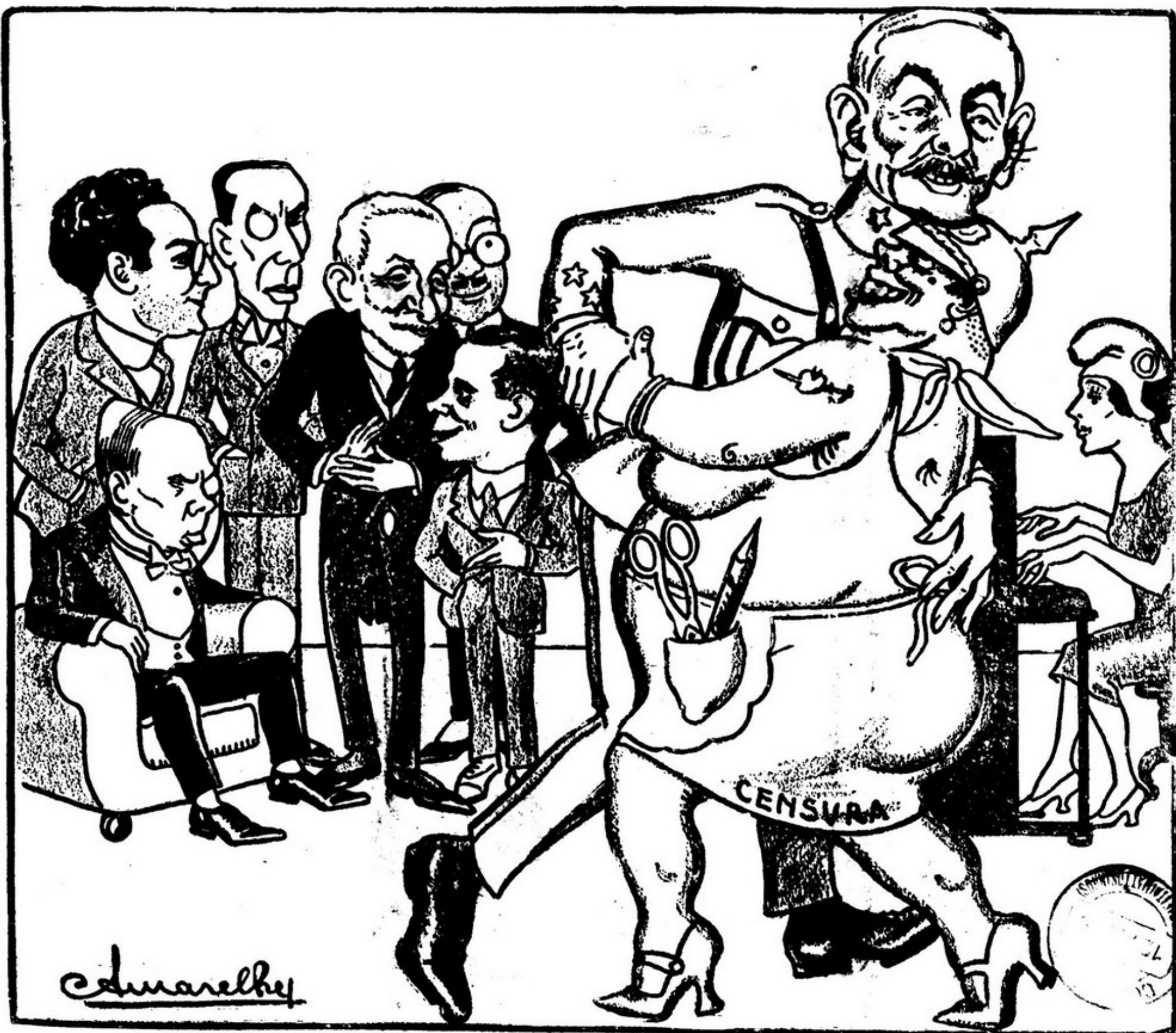
Exms Srs. 2-N  
Kol d'Alvarenga  
Rua Brito Capelo  
83-D  
MATOZINHOS

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 57

# A "polka" da censura



Ela --- Vês, meu amor, como sou leve, apesar dos jornalistas me acharem muito pesada.





## Os ditos da semana



Meu caro Xenofonte:

Noticias de Lisboa, que me pedes na tua ultima carta da Praia azul, ahi seguem, sem perigo de que a censura, que é adoravel,—tu mesmo não calculas quanto são bonzinhos os officiais da censura!—, sem perigo de que a censura abra a nossa correspondencia.

Comecemos pela politica:

Na Instrução, resolveram todos os problemas complicados; os rapazes do curso tecnico, por causa daquilo que se chama o titulo de engenheiro, continuam em greve, alguns, que não atingem o alcance da solução do governo. Os alunos de Direito, por motivo do notavel diploma da Ordem dos Advogados, também estão fora da ordem. Não vão ás aulas e perdem o ano. Mas é porque são burros. Como vês, na Instrução tudo vai no melhor dos mundos.

Pelos Estrangeiros, foi demitido o sr. dr. Afonso Costa e cumprimentado oficialmente, o que desvaneceu os democraticos, que estão delirantes com o facto de se ter acabado a presidencia permanente da delegação á Sociedade das Nações, com tão galante premio de saudação official.

Pela Justiça, tem sido um forró-bôdô de reorganisação, que era de fazer tremer de inveja o João das Regras. Nada é para deitar fora. A lei de imprensa é uma maravilha de bom gosto juridico, e já se diz que alguns jornalistas mais atrevidos podem escrever o que quizerem que nunca serão fuzilados. O degredo não está previsto na lei, e só por esta amostra calculas como é liberal a nova lei de imprensa.

Pelo Comercio, sabe-se que a agua vai encher Lisboa no ano de 1999, e até lá ha a

certeza de o sr, Ministro do Comercio se preocupar com o sistema, de modo a garantir aos nossos netos banhos no tempo da estiagem, sem necessidade de mandar a familia para o Estoril.

Pela Agricultura, o pão é um pouco mais caro; mas não calculas que bom vai ser! De trigo, e com o peso quasi exacto. Emfim: uma medida que se fazia esperar.

Pela Guerra, não te posso dizer nada porque não entendo. Mas foi reorganizado o Exercito sem o auxilio do conde de Lippe, o que é extremamente honroso.

Pelas Colonias, sabe-se que vai ser criado o novo Banco de Angola, sem Metropole: nem portas falsos. Como sabes, temos parentes lá, e não é justo que o premio das

transferencias continue a 75 por cento.

Pelas Finanças, não te digo nada. E' uma prosperidade que deixa prever a libra a 4\$50, pelo menos, dentro de meia duzia de anos. Os funcionarios publicos, a quem os estafemos dos democraticos acusaram de ser os culpados de toda a desgraça nacional, desta vez, sim, é que vão ser todos postos em bom caminho —e segue. A circulação fiduciaria deu 100:000 contos ao comercio, e isto agora vai baratear tudo.

Quanto á Camara Municipal, não calculas; demitem 800 mulheres que cosiam as bandeiras, e agora a Camara embandeira em arco de economias. A luz é a jorros, os pavimentos estão quasi todos levantados de novo para fa-

zer experiencias belgas e já se sabe que os jardins e as arvores vão acabar, porque não pagam contribuição nem dão fruto. E' uma despesa inutil e, como tal, a sua verba de regas bem suprimida.

A carne aumentou de preço, sinal de que é toda limpa e de gado nacional. Agora pode-se comer. e se não é mais barata, é mais cara, mas ao menos não é do Marques da Costa.

A censura aos jornais, graças a Deus, mantem-se, para honra da imprensa, que se vê assim favorecida pela tutela de officiais distintos, e a quem vamos oferecer um banquete —cujo menú temos que sujeitar á censura, na altura dos vinhos do Porto, onde vamos dizê-las gordas.

O sr. general Gomes da Costa continua em liberdade nos Açores, e o sr. general Carmona continua preso dos seus afazeres no Terreiro do Paço.

Vai haver outro banquete na Curia, obrigado a aguas, e para o qual vai ser convidado o sr. conde de Agueda, com a condição de dar vivas á Patria, mas não os justificar.

Falta dizer-te que o calor aqui não existe; é uma invenção dos mandriões para não fazerem nada, e das senhoras para andarem com os braços á vela. O termometro marca de facto 39 graus, mas dizem que é boato, e que para debelar esta suposta crise termica, o Governo, em Dezembro, pelo Natal, vai publicar um decreto estabelecendo «que faça frio».

Nos teatros, as peças tem pilhas de graça, que é mesmo de a gente ter vontade de ir lá todas as noites — ressonar alto.

Teu, do coração,

**Pyrrus.**

## No Palacio das Necessidades



**Dr. Bettencourt Rodrigues**

Presidente da Delegação Portuguesa á Sociedade das Nações,  
medico illustre e chanceler da Confederação luso-brasileira

# Fruta do tempo...

## IDILIO MODERNO

O Chico foi a Paris...  
Provou bom gosto e gesto decidido.  
Quanto ao resto, o que toda a gente diz,  
é que é um bom rapaz e um bom partido...  
Já tomou cóca, e só com uma amante  
que teve por aposta e por quezília,  
gastou mais do que o bastante  
para tornar feliz uma família!...  
Resumo:—o Chico é um rapaz moderno  
que prende quando fala;  
d'aspecto feminino; d'olhar terno;  
sublime d'atitudes numa sala!...

E' uma sala, justamente, a scena.

Domina o jazz-band maquiavelico!

Muita loira gentil; muita morena;  
muito conquistador, ... mas sem ar bélico.

Tudo ri, tudo fala, tudo méche!...

Braços nus, colos nus,—num á-vontade  
de tentação e d'atraente fluido!...  
O baile é de caridade,  
a favor da nova «Crèche  
das Crianças nascidas por descuido...»

O Chico mais a palida Fifi,  
—uma franzina morta por casar—  
deram três voltas, curtas, de Shimy  
e foram-se sentar.

Diz ele.

—«Que chatice!... Que maçada  
são estes bailes!... Entra toda a gente...»

Diz ela:

—«Tambem eu estou chatiada...  
E olha que anda por cá cada pingente!»

—«Oh! filha,—a quem o dizes!... Mata aquela:  
O vestido parece um balandrau!...»

—«Calha bem... Eu conheço:—E' a Manoela.  
O pai tem armazens de bacalhau!...»

—«Ah! sim! Pois qualquer dia é bem capaz  
de vender a pequena por engano...»

—«Veneno!... Mas repara no rapaz...  
Dizem que o gajo anda atrás dela ha um ano...»

E ele comenta;

—«Um ano atrás daquilo,  
não é de mais... se o pai pesar bastante...»

E ela responde:

—«Pesa muito quilo  
e uma casa de campo em Amarante.»

Numa fuga de gaita constipada,  
morrem, no jazz, as notas do Shimy.

E a palestra prossegue, mais ousada,  
entre o Chico e a Fifi:

—«Sabes que o teu vestido é um apetite...?»

—«Sinto-me nêle, como peixe n'agua.»

—«E tens razão... Não ha quem não te file!»

—«Por causa do vestido?... Olhem que magua!...»

—«Do vestido e do mais que se pressente,  
lá por dentro... em conserva d'escabêche...  
Já despertaste, ao certo, em muita gente,  
rubros desejos d'aumentar a crèche!...»

—«Tu sempre me saiste um gabirú!  
O que vale é que eu oiço e não me ralo!...»

—«Eu serei gabirú, serei... Mas tu...!»

—«Que sou?»

—«...E's uma pècega d'estalo!»

.....  
Digam que não...  
Digam, se são capazes,  
que não ha outro encanto e distincão  
nos modernos idilios dos rapazes!..

## CANTIGAS D'HOJE

Não ha nada verdadeiro...  
Tudo mudou. De maneira  
que a mulher,—vai ao barbeiro,  
e o homem,—usa pulseira.

Eu sempre sou muito velho!...  
Do tempo, senhoras minhas,  
das saias pelo joelho  
... sómente nas creancinhas.

Não ha São Pedro, amor meu,  
nem, no céu, chaves ou tranca:  
—Eu sonhei contigo o céu  
e encontrei entrada franca...

Quem tenha mulher segura;  
não a confie a ninguém;  
—Quem diz mulher diz luxuria,  
e a luxuria sabe bem!

Não tenham pressa, pequenos:  
—Nesta idade depravada,  
casar inda custa menos  
do que arranjar namorada...»

## NO CAMARIM

Pondo carmin nos labios provocantes,  
rasgando, a negro, os olhos còr do céu  
e dando tom á eterna palidez,  
ela, uma estrela vaga de revista,  
fala, no camarim, com outra artista:

—«Olha lá:—e o teu homem? Já te deu  
aquela cruz de rosas e brilhantes  
que deante de mim te prometeu?»

«Inda não... Diz que só no fim do mês,  
e se eu tiver juizo!...»

—«Que avarento!»

—«E que bruto, menina!... Faz ideia.  
Ontem á tarde deu-me tal tarefa  
que recolhi á cama sem alento!»

—«Jesus!

Tudo, menos bater... Lá isso é duro!...  
Eu não, não aturava a tua cruz!...

—«Pois por causa da cruz é que eu o aturo...»

Silva Tavares



# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

AS companhias teatraes andam de mal a pior.

Morrem como tordos. E' do calor, naturalmente...

Nem mesmo as que andam a banhos escapam... Já não ha iodo nem frescura que as salve...

Quando teem de morrer, morrem mesom...

Culpa de quem?... Do publico?... E' caso para estudar.

Quando as peças são boas e bem interpretadas, salvam-se e ha exemplos...

Agora peças más e más interpretações é que o publico já não admite...

Cada casal de artistas—uma companhia teatral...

E se juntassemos alguns casais e fizessemos uma unica companhia, não daria melhor resultado artistico e financeiro?

■ ■ ■

SINAL dos tempos...

Antigamente, eram os pobres maridos que iam por esse mundo fora, Brasil principalmente, trabalhar para a mulher, que aqui ficava a braços com a fome...

Agora, ao contrario, são as mulheres que vão trabalhar para eles... que aqui ficam a gosar...

Isto... no meio teatral... já se deixa ver...

■ ■ ■

O L. F. lá trás todos os dias de Sintra um cabazinho de morangos para o E. T.

Foi ele o escolhido—e naturalmente—será mal pago—por aquele favor que anda fazendo aos outros colaboradores da já celebre revista genero parisiense...

■ ■ ■

«OS FILHOS» do T. N. estão ha um mês no cartaz.

E' caso para dizer: aquilo não é um teatro, é uma misericordia. A I. S. faz de ama... de sucesso, enquanto o A. de A. embala o menino, com cuidados de pai velho.

■ ■ ■

A COMPANHIA L. S.-E. B. é a mais casamenteira de todas. Artista que lá caia, se é sol-

teira, casa-se; se é casada, deixa-se estar que está bem.

Quando os meninos de todos os consorcios existentes tiverem idade e talento, constituir-se-ha outra companhia L. S.-E. B., sucessores, em que os filhos fazem de pais e os pais de avós...

■ ■ ■

DIZEM: o teatro está cansado, exausto. O publico não cumpre.

E se os artistas cumprissem!

E se os empresarios cumprissem!

L. S., terminou segunda-feira, com a unica representação da peça «O Leque».

Parece que o E. B. já se começava a abanar... No T. da T. fazia muito calor... De forma que afinhou-lhe «O Leque» e fugiu...

O que quiere dizer: abanou e abalou.

■ ■ ■

A COVARDIA do momento...

Porque se encobrem sob pseudonimos os nomes dos autores das revistas que ulti-

zem de quem são os numeros das revistas de que eles armam em autores!

O nosso meio teatral é tão pequeno que tudo se sabe... E ás vezes até se sabe aquilo que nunca se devia saber...

Onde estão os nossos revisiteiros actuais?

Desapareceram ou crismaram-se?

■ ■ ■

TERÁ servido de lição aos empresarios e aos chamados grandes artistas o que se passou no T. P.?

Deus queira que sim...

■ ■ ■

NO mesmo local ha dois teatros de revista com concorrencia.

Namoram-se de perto com bastas zangas e sucessos, e os anuncios, nos jornais, e o nome dos artistas, aumentam tanto que, qualquer dia, estalam como a rã da fabula.

Não seria melhor operarem, cordealmente, o casamento?

■ ■ ■

NO T. G. ha mosquitos por cordas.

«As Três Meninas... Núas», apesar de ingenuas, dão muito pasto á má lingua. Como a caixa tem muitas escadas, o que se afirma, diz e historia no subterraneo é sempre negado nos outros andares. O terreno neutro de todos estes combates é o palco, apesar dos bombardeamentos do segundo acto.

Final, quem é a vitima:—S. Sebastião, o martir?

■ ■ ■

C. P.—o artista mais gordo da peninsula—não cabendo já em Lisboa, resolveu alastrar-se pela provincia.

Agora está na Outra Banda. Não sabemos como ele conseguiu passar o rio sem afundar a catraia que o transportou. O que nos consta é que as empresas dos pequenos teatros das imediações resolveram alargar as portas dos edificios, duplicando assim a capacidade da entrada...



O L. F. foi-se a caminho de Sintra com a trouxa ás costas... mas volta brevemente com um cabaz de morangos tambem ás costas

E se os autores cumprissem!

Dez anos atrás era assim e havia publico para tudo.

■ ■ ■

A TEMPORADA de verão, no T. da T., da companhia

mamente teem ido á scena?

Dar-se-ha o caso, de não terem coragem para arrostar com o publico por em vez de autores serem simples tradutores?

E ainda ha revisiteirosinho que se zanga quando aqui di-

### CHARADA A PREMIO...



... ou o jornalismo engarrado



# O prato DE sonhos

## 1.º sonho

### o de Gustavo Sequeira

No Carmo, entre as ruínas, dormitava o bom Matos Sequeira—o antiquario— e nesse arqueologico sacrario um sonho de teatro o embalava.

Que linda apoteose architectava!...  
—O mófo e o bafio sobre um ossario



dansavam com aranhas num fadario, enquanto um velho orgão triffautava...

Em volta o uma candieia ferrugenta, minhocas, traças, numa enorme pandega, despertam-no da fase sôolenta...

Bichos de conta fazem mil tregeitos... E, ao acordar, tal como na alfandega, tratou logo da «massa» dos direitos...

## 2.º sonho

### o de Lino Ferrelra

Theatro Nacional que me fugiste tão cedo desta vida descontente, repousa no Rossio eternamente e fique eu cá na loja, sempre triste.

Se lá no teu telhado, onde subiste, tu me escutares, ó velho Gil Vicente, não esqueças nunca o meu amor ardente e as desilusões que conseguiste!...

Assim sonhou o bom do Lino em Sintra, pensando num teatro tão pelintra que lhe levou, em parte, o seu dinheiro.

E os dissabores foram em tal dose que resolveu, para uma apoteose, fazer do coração um candieiro!!!

### O' Mãe Cristo Neto.

#### Tipos desaparecidos



Um "bufo"



## por um "lunatico,, de lunetas

Meu caro «Sempre fixe»:

Com um calor assim, escrever-lhe é um verdadeiro sacrificio. A bossa dos assuntos está estúpida e as ideias desfazem-se em bagas de suor... E, se ao menos dispuzessemos de ideias... frescas como as do sr. Cabreira!... Não é um homem, é um poço... de sabedoria. E' deixar cair o balde, puxar a corda e as ideias chovem... no molhado... Matematico consumado, multiplicado e dividido, o sr. Cabreira é socio de todas as sociedades scientificas do país, do estrangeiro... e da Estrangeira de Baixo e de Cima. E não contente com isso, ainda fundou, para uso e fruto... de carço, a Academia de Alcantara... pela Pampulha. Nas matematicas, são de renome mundial as suas formulas applicadas a extrair, sem dór, dentes de raizes... cubicas. Construtor... civil do Instituto 19 de Setembro, que Deus haja, foi ainda o inventor da celebre Ordem de Santa Maria do Castelo, que caiu... no ridiculo como um castelo... de cartas e diplomas de graus de cavaleiro... sem montada. Alfaiate, tesourar... de ouro e tesouro... de inspiração, talhou a sua linda farda rica, que o reveste nas suas tardes felizes... e tauromaquicas. E não deixando os seus creditos por mãos alheias, escreveu, imprimiu, encadernou e pagou o seu livro (muito seu) de consagrações, condecorações e medalhões re-

clamando as suas pastilhas e elixires... Talento de muitas facetas e sobretudo muito *faceto*, passou de historista a historidor... Ei-lo investigador, cheio de pó... e poses dos arquivos, a esgravatar cronicas e alfarrabios... Este vulcão... de sabedoria mais uma vez cobriu de cinzas e nada *Herculano* e... Pompeia. E descobriu o profundo historidor que a Batalha de Ourique teve a grande e valiosa importancia de cinco... reis mouros. Foi um achado de mão cheia, que não chegou a um centavo!... Para não se sentir o vácuo de uma vaga batalha, num local ainda mais vago, cosinhou o guarneceu o prato... historico com conserva... e a conversa do milagre. Sabio de applicações multiplas, salta agilmente de um ramo de sciencia para outro ramo... E assim, já não é um simples sabio, é um sabão... maceo. Quando ao longe se sente a percussão de um bombo acompanhado de gaita, de foles, ou é um reclamo da praça de Algés, ou é então o sr. Cabreira que passa. Piramidal, e gigantesco... Ora, como não ha gigante sem David, o grande e desmedido sabio tem o seu David... Lopes, que boas e bem fundadas e certeiras pedradas lhe tem dado... A actuglidade e a posteridade exigem, sem demora, que Lisboa, reconhecida, dê ao Beco do Cabrinha a denominação de Beco... do Cabreira...

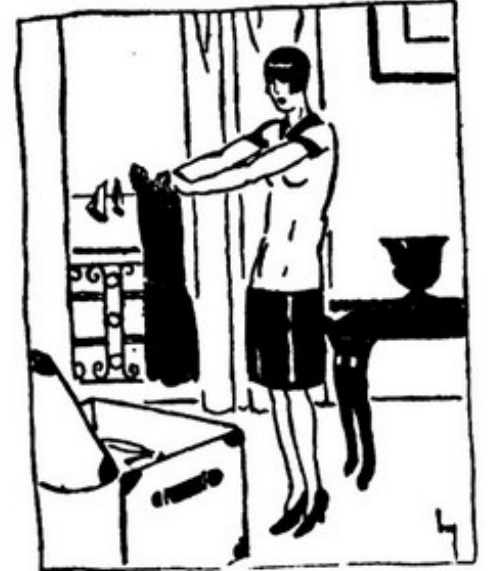
## TELEFONE E THEATRO



ARMANDO FERREIRA a gentil "prima donna" da companhia da Trindade...

# A graça LA por fóra

## Enigma



— Agora é que estou atrapalhada: não sei se é este o fato de banho ou o vestido de baile...

## "Bluff"



— Meus pais são de tal maneira ricos, que as pratas lá de casa, são todas em ouro!  
— Pois o meu pai, só usa flanelas de seda!..

## Com o calor



— O que nos falta é cordealidade.  
— Não é para admirar... nos "pic-nics" é tudo fino...



A'S 16 E 20 MINUTOS

# UM HOMEM NU

## andou a passear pelo Rocio

Tardo do sol, sem moscas, com os ropuchos dos lagos a imitarem os bebados de regresso duma orgia. De subito, como se duma orquestra invisível tivesse soado o *pim* das magicas e como se por um alcapão de molas fosse disparado mefistofeles em pessoa, todos os illustres comerciantes e espera do negocio que se aglomeravam ás portas dos cafés do Rocio partiram, correndo, em direcção do largo de D. João da Camara. O que seria? E quando o *Sempre fixe*, picado de curiosidade, corre tambem e consegue aproximar-se do local, encontra uma especie de muralha da China de via reduzida cimentada em corpos humanos que cercava *alguem*, fora do alcance dos nossos olhos.

Esse *alguem* berrava com toda a força dos seus pulmões:

—Deixem-me passar! Eu sou um cidadão livre! Estou no meu direito de vir para a rua como me apetece!

Metemos a cabeça pelo buraco em estilo nua de chavena dum cavalleiro agigantado que estava á nossa frente e dependurámo-nos como num trapézio de circo; fizemos proesas de contorcionista para deitarmos o rabinho do olho por entre as pernas abertas em compasso do visinho da frente; e com a maior emoção que é dado exigir aos nervos humanos, contemplámos aquilo que o raciocínio não queria deixar-nos acreditar...

Era como se o Frontão tivesse decidido da Camara Municipal e estivesse a pavonear-se pelo Rocio ás 16 horas e 20 minutos, marcados pelo relógio da estação. O cavalleiro em questão

era um homem da illustre casa dos quarenta, barbado á Guerra Junqueiro. Mas as barbas, apesar de compridas, não chegavam para velar convenientemente a nudez absoluta em que se apresentava... O pai Adão e o mano orangotango nunca apareceram quer no paraizo quer nas florestas virgens do interior da Africa tão foras das convenções civilizadas no que dizia respeito á *toilette*. Nem sequer uma tanga a resguardá-lo da indignação popular. As unicas peças de vestuario que o cobriam, além das barbas que apenas alcançavam o umbigo, eram um par de botas inglesas, duas peugas aos quadrinhos, presas ás pernas com ligas modernas—e um lenço de fantasia atado á volta do pescoço.

Cruzavam-se pelo ar os protestos mais indignados.

—Chegámos á ultima! Nunca se viu uma falta de vergonha assim! Já não ha respeito por ninguem!

—Um homem nú a passear pelo Rocio!

—E a policia não o prende!

Houve um esboço de ataque! As senhoras, sobretudo, vedando os olhos com a mão esquerda para não verem tão vexatorio espectáculo, eram as mãs ferozes a atacar o atrevido com a mão direita. Mas o homem nú, de pernas abertas em compasso, ergueu os braços como um orador antes de começar o discurso, e impôs silencio.

—Alto lá! Para trás, vilanagem! Com que direito pretendeis agredir um pacifico cidadão no uso pleno das garantias constitucionais?

—Ainda o pergunta, seu imoralão! exclamou uma dama quarentona. Então você não vê que venho acompanhada das minhas filhas e as pobresinhas ficaram que até parecem atacadas de escarlatina?

—Calma, cidadã, muita calma! As filhas de V. Ex.<sup>a</sup> estão apenas emocionadas—e isso só me orgulha! Mas antes de lhes dar explicações mais amplas, quero fazer-lhes uma pergunta: estamos ou não estamos sob um regime de igualdade?

—...e de fraternidade e liberdade! —completou um revolucionario de bengalão.

—Ora muito bem! prosseguiu o homem nú. Agora escutem a minha historia. Estcu casado ha doze anos. A minha mulher tinha quinze e eu trinta. Uma pequena diferença de idades. Poucos meses após o casamento, a minha Alice quiz ir para o teatro. Não me opus. Era vocação. Naquele tempo, o marido duma actriz podia estar tranquilo porque as maiores liberdades que se consentiam em scena eram as dos *maillots*. Mas eis que veem as modas das revistas francosas—o empresario da minha Alice declarou que ela tinha de representar com o mesmo guarda-roupa que o sr. Castelo Branco costumava fornecer para as peças que a mãe Eva representava no Paraizo. A minha Alice, que é uma mulher absolutamente avançada, não se importou com isso. Aceitou. Quando m'ou disse, indignei-me. E ela, sem fazer caso, explicou: «Não te rales, filhi-

nho: trata-se do nú artistico». Bolas para a arte!

«O nú foi sempre nú—e aquele nú pertencia-me! Mas tudo foi inutil. Zanguei-me—e ela abandonou-me. Fui ter com o empresario—e ele acolheu os ombros. Fui ter com a policia—e o sr. Ferreira do Amaral declarou-me que «entre o marido e o nú artistico não era ele quem metia chafalho!» Esperei pela *première*, convencido de que o publico se indignaria com tal pouca vergonha e que deitaria fogo ao teatro. Ora, meus amigos! Todos gostaram! Todos aplaudiram! E eu, enterrado na minha cadeia, escutava, rubro de colera, as apreciações que os outros faziam sobre o nú artistico de minha mulher. Saí do teatro meditando uma vingança, não contra a pobre Alice, coitada, mas contra a sociedade que aprova e gosta e repete o nú artistico de cada um. E resolvi, de hoje em diante, só sair nú. O meu nú é tão artistico como o de uma actriz do Variedades. Se a minha mulher o pode exhibir aos olhares cubicosos dos espectadores—porque razão hei de eu ocultar o meu? Se V. Ex.<sup>as</sup> não se indignam com o nú no teatro—porque se indignam com o nú no Rocio?

Os que ha pouco tinham protestado, baixavam agora a cabeça, humildemente. E o «homem nú», enchendo o torax, abriu alas e partiu com a imponencia dum general após um golpe de Estado.

João Brejeiro.

Como o nosso bom amigo *Pérez Lachaise* anda mostrando a celebrada calva por esse país onde trabalharam e viveram os grandes *Pérez* de todas as idades, *la chaise* tem de ser ocupada, embora só por uns dias, por este *aficionado* cada vez mais desiludido da chamada festa... nacional que, afora o trabalho bastante variavel dos nossos cavalleiros e a rara bravura dos nossos forcados, é inteiramente espanhola...

E' esta primeira *cómica* dedicada a uma patuseada comico-tauromaquica que os meninos do Ateneu organizaram para desacreditar ainda mais o espectáculo taurino.

A praça estava á cunha. Havia *mantones*, animação, alegria. E de tal maneira que se tinha a impressão de que se ia assistir a uma autentica corrida.

Afinal... afinal quem levou uma verdadeira corrida... em pêlo foi o grupo de forcados do popular club de Santo Antão...

Os touros eram de Coimbra, mas pareciam das Caldas. E, quando os meninos Nuncio e Simão, que formam uma parilha muito engraçada e mui-



### Uma tragedia tauromaquico-policia...

to igual, cravavam com energia os seus curtos e compridos, a gente tinha a impressão de que aquilo ia estalar tudo, fugindo, pernas, rabo, cabeça—e os respectivos ornamentos—cada qual para seu lado.

Fez de inteligente o sr. Lopes. Ora o sr. Lopes tinha cara de tudo, menos disso. E como é um grande *aficionado* de cornetim, vá de mandá-lo tocar a proposito de tudo e de nada—e quasi sempre a desproposito... E de tal maneira que, quando Armillita armava o escandalo com uma grande *fae-la*, um espectador gritou, apontando o sr. Lopes, a escabecear com sôno:

—Por amor de Deus, não acordem o inteligente!...

Ora os forcados eram os mais fortes atletas do Ateneu. E o primeiro a bater as palmas a um bicho foi o Manoel Gonçalves—que é o campeão da brutalidade nacional.

O Manoel—lá porque no outro dia dominou um Grilo—julgo que podia fazer o mesmo ao touro...

Esta ingenua esperança custou-lhe uma desilusão e uma cambalhota.

Eram todos os forcados providos de bons braços e de boas pernas. Mas quando os pouco academicos animais de Coimbra mechiam os prolongamentos da testa — *pernas para que vos quero?* Parecia um verdadeiro *cross-country*.

E de tal maneira que, a certa al-

tura, indignados com aquilo tudo, os espectadores brindaram os improvisados toureiros com uma chuva de almofadas...

A velha guarda tambem se manifestou—e a policia seguiu-lhe o exemplo...

Os Mascarenhas, João Coutinho, Jorge Cabedo, Joaquim Aguiar—que tambem é da velha guarda, apesar de novo—saltaram para a praça. E, num momento, tiveram de haver-se não só com as laminas emboladas dos touros, mas tambem com as laminas desembainhadas dos policias.

O tenente Boavida é que pôs agua na fervura, o que lhe valeu aplausos de toda a selecta e atletica assistencia.

Mas—aquilo não podia acabar bem. E assim chega-nos a noticia de que, convencido de que pode ser tudo na vida menos *inteligente*, o sr. Lopes se suicidou com um *bras roulé* de Manoel Gonçalves—a pedido.

Paz á sua alma—e que nos deixe em paz—tauromaquicamente falando...

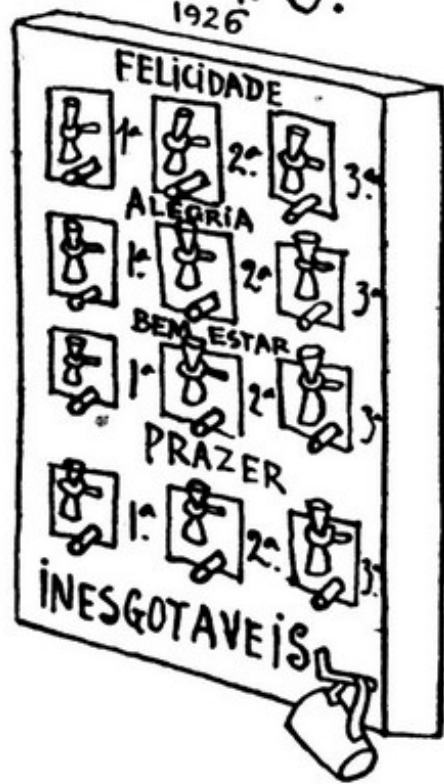
Mono Sablo.



# O CONCURSO INFANTIL

## do *Sempre fixe*

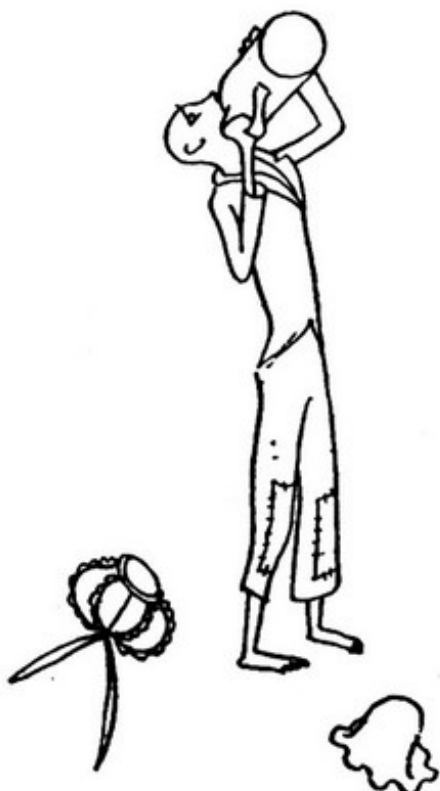
C.M.C.  
1926



**29**



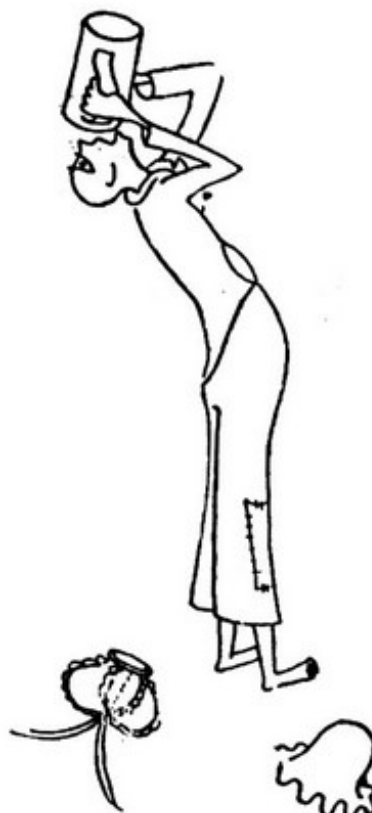
**30**



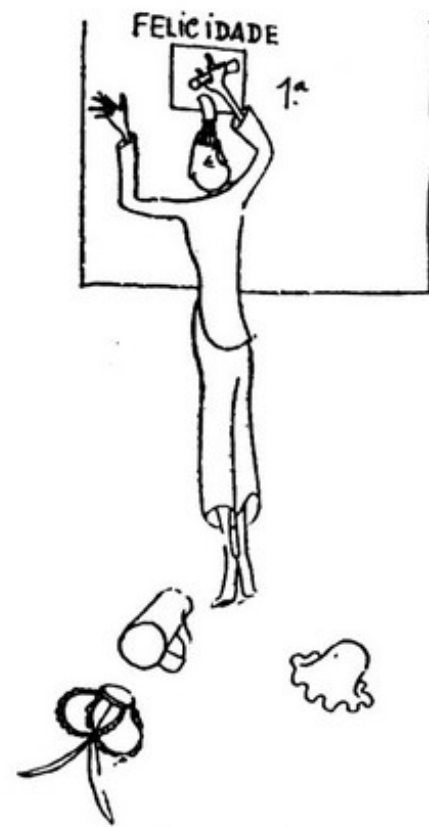
**31**



**32**



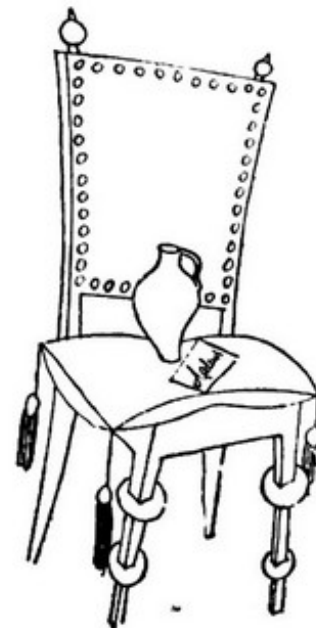
**33**



**34**



**35**



**36**

Tem despertado um verdadeiro interesse entre a petizada que lê o *Sempre fixe* o interessantíssimo *Concurso Infantil* que Almada Negreiros realizou, com a sua pena admirável. Mas, como muitos dos nossos pequenos leitores nos tem mostrado a sua dificuldade em escrever *O Sonho de Pechalim*, resolveu Almada Negreiros, para lhes facilitar a tarefa, começar as legendas do grande *film* infantil.

Publicamos a seguir a descrição do inicio do sonho do simpatico pequeno.

E agora, rapazes e raparigas, acabem a historia!...

### O SONHO DE PECHALIM

**1**  
Pechalim era um pobre rapazinho que vivia sósinho neste mundo. Tinha umas calças rôtas, um casaquinho velho e um panamá que tambem lhe deu um menino rico, no fim do verão

**2**  
Mas o pobre do Pechalim tinha muita pena de estar sósinho neste mundo.

**3**  
E pensava se o resto da sua vida tambem era como tinha sido até ali.

**4**  
Mas, um dia, Pechalim viu uma rapariga e parece que ela tambem o viu.

**5**  
A primeira coisa que lhe veio á cabeça, depois de ter visto a rapariga, foi coser as calças rôtas.

**6**  
E Pechalim andava que parecia uma pessoa muito importante.

**7**  
Aconteceu que, um dia, a rapariga tornou a encontrar o Pechalim e pro-

guntou-lhe que horas eram. Ele, coitadinho, não tinha relógio. Mas não ficou nada aflito porque viu os lindos olhos que tinha a rapariga.

**8**  
E o Pechalim, desde então, nunca mais pensou noutra coisa que não fossem os lindos olhos que tinha a petiza.

**9**  
Ela morava numa casinha pequenina e o Pechalim passava o dia encostado á esquina da casa dela.

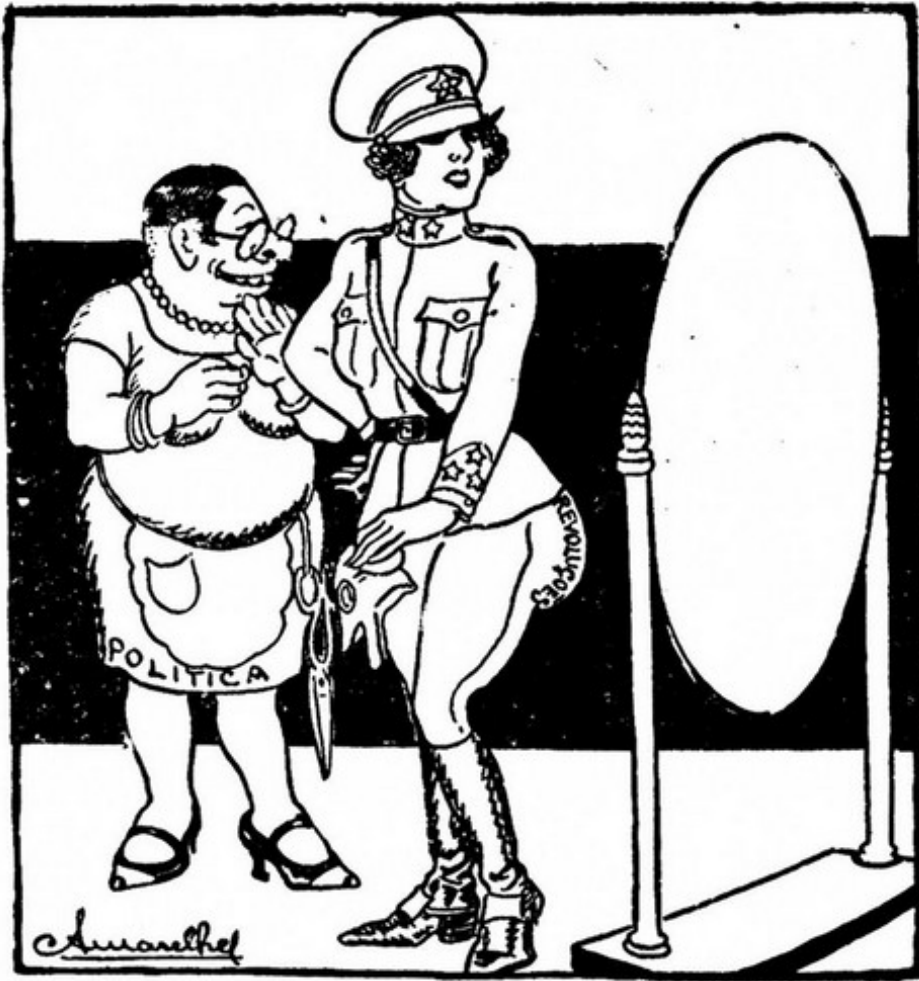
**10**  
Pechalim lembrou-se que não tinha casa e teve pena de si por ser tão desgraçado.

**11**  
Muito triste foi deitar-se no seu quarto de cama, que era entre dois molhos de palha no meio do campo.

**12**  
E, como acontece aos que não são felizes, começou a sonhar com o ceu.

**13**  
Pechalim sonhava que tinha umas boas azas e que ia subir lindamente para o ceu, onde todos são felizes.

# No "tailleur" da Republica



**A Política:** - O "travesti" não lhe fica mal; até parece o Primo de Espanha; mas o diabo são os fundilhos...



—Final vamos para a direita ou para a esquerda?  
—Isso é com o meu amigo. Qualquer dos lados me serve...

## Inter-rêdes



—Olha, menino, para esvaziarem o cabaz das bolas... é preciso enviar para cá as "primas"...

## Os bichanos

(Ao sr. Pimentel dos Côrtes)



—Seu meiro, por mais que a censura os tape os "gatos" não de aparecer sempre...